



ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS

ENSAIOS APB

MOBILIZAÇÃO PARA UMA POLÍTICA DE
CONSERVAÇÃO E MANUTENÇÃO DE
ACERVOS CONTRA O AGENTE
BIOLÓGICO HUMANO

Justino Alves Lima

Ensaio APB, n.39

APB - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS - APB

**MOBILIZAÇÃO PARA UMA POLÍTICA DE
CONSERVAÇÃO E MANUTENÇÃO DE
ACERVOS CONTRA O AGENTE
BIOLÓGICO HUMANO**

Justino Alves Lima

Ensaio APB, n.39

APB - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS - APB

MOBILIZAÇÃO PARA UMA POLÍTICA DE CONSERVAÇÃO E
MANUTENÇÃO DE ACERVOS CONTRA O AGENTE BIOLÓGICO
HUMANO

Justino Alves Lima

Ensaio APB, n. 39

São Paulo
Fevereiro
1997

ENSAIOS APB

Coordenação editorial: Oswaldo Francisco de Almeida Júnior

- MELO, José Marques de. Comunicação de Massa x Leitura. 1994. (Ensaio APB, 1)
- MOSTAFA, Solange Puntel. Balcão de Informações: o mercado emergente. 1994. (Ensaio APB, 2)
- TAVARES, Maria Christina de Moraes. Atuação da Biblioteca Infanto-Juvenil. 1994. (Ensaio APB, 3)
- MURGIA, Eduardo. A Crise da Informação. 1994. (Ensaio APB, 4)
- OLIVEIRA, Silas Marques de. A Crise dos recursos Humanos em Bibliotecas. 1994. (Ensaio APB, 5)
- BARROS, Maria Helena T. C. de. A Atuação da Biblioteca Escolar: relato de uma crise. 1994. (Ensaio APB, 6)
- DIAS, Maria Cristina Santarém et al. Alternativas para Contornar a Crise da Leitura: uma experiência do ônibus-biblioteca na cidade de São Paulo. 1994. (Ensaio APB, 7)
- FERREIRA, Marta Nosé et al. Projeto "Soma". 1994. (Ensaio APB, 8)
- LARROUDE, Rita Luisa et al. Terceira Idade: relato de uma experiência, 1991-1992. 1994. (Ensaio APB, 9)
- SILVA, Helen de Castro et al. Um espaço para a Fantasia. 1994. (Ensaio APB, 10)
- TOMAZELLI, Angela M. et al. Criança de Periferia não Lê: desmistificação. 1994. (Ensaio APB, 11)
- RIVA, Eliane Barbosa et al. Terceira Idade: programa integrado. 1994. (Ensaio APB, 12)
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. O Espaço da Biblioteca: uma reflexão. 1994. (Ensaio APB, 13)
- VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Leitura Técnica e seu Papel na Pesquisa & Desenvolvimento. Jan. 1995. (Ensaio APB, 14)
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Biblioteca pública: ambigüidade, conformismo e ação guerrilheira do bibliotecário. Fev. 1995. (Ensaio APB, 15)
- VALLS, Valéria. O espaço do bibliotecário no gerenciamento de documentos do Sistema da Qualidade. Mar. 1995. (Ensaio APB, 16)
- CARDIN, Tânia Maria Sanvezzo. Lixo reciclável x incentivo à leitura: uma relação que deu certo no município de Ibiaporã - PR. Abr. 1995. (Ensaio APB, 17)
- LIMA, Justino Alves. Bibliotecas e bibliotecários: o perfil de um caso. Maio 1995. (Ensaio APB, 18)
- MODESTO, Fernando. Apontamentos sobre a ergonomia na implantação e uso do computador na biblioteca. Jun. 1995. (Ensaio APB, 19)
- CÔRTE, Adelaide Ramos e. Memória técnica. Jul. 1995. (Ensaio APB, 20)
- FUJINO, Asa. A gestão da informação no processo de cooperação universidade-empresa: uma visão crítica. Ago. 1995. (Ensaio APB, 21)
- FARIA, Ivete Pieruccini. Livro e leitura no Brasil: alguns aspectos acerca da entrada do impresso no país. Set. 1995. (Ensaio APB, 22)
- SMIT, Johanna. Algumas questões sobre os documentos audiovisuais em bibliotecas. Out. 1995. (Ensaio APB, 23)
- SILVA, Antonio Manoel dos Santos, ALMEIDA, Glaura Maria Oliveira Barbosa de, BELLUZZO, Regina Célia Baptista. O Plano de Gestão da Qualidade e sua implantação na rede de bibliotecas da UNESP: relato de uma experiência. Nov. 1995. (Ensaio APB, 24)
- VERGUEIRO, Waldomiro C. S. Gestão da Qualidade e Bibliotecas Públicas: o difícil caminho para as instituições brasileiras. Dez. 1995. (Ensaio APB, 25)
- LANE, Sandra S., VAL, Marta R. S. Ribeiro do. Preservação de acervos de bibliotecas: Parte I. Degradação dos materiais. Jan. 1996. (Ensaio APB, 26)
- LANE, Sandra S., VAL, Marta R. S. Ribeiro do. Preservação de acervos de bibliotecas: Parte II. Um modelo de programa local. Fev. 1996. (Ensaio APB, 27)
- SOUZA, Marta Alves de. Internet: a rede global. Mar. 1996. (Ensaio APB, 28)
- MODESTO, Fernando. Combate ao vírus de computador na biblioteca. Abr. 1996. (Ensaio APB, 29)
- BARTALO, Linete et al. A importância da leitura na formação do professor. Maio. 1996. (Ensaio APB, 30)
- ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Sociedade de informação: espaço da palavra onde o silêncio mora? Jun. 1996. (Ensaio APB, 31)
- GUIMARÃES, José Augusto Chaves. A Legislação profissional do bibliotecário. Jul. 1996. (Ensaio APB, 32)
- MARTUCCI, Elisabeth Márcia. Abordagem qualitativa de pesquisa em biblioteconomia: uma introdução. Ago. 1996. (Ensaio APB, 33)
- MARCHIORI, Patrícia Zeni. Eram os deuses astronautas? ou São os bibliotecários, profissionais da informação? Set. 1996. (Ensaio APB, 34)
- FERREIRA, Sueli Mara S. P., KROEFF, Márcia S. Referências bibliográficas de documentos eletrônicos: vol. 1. Out. 1996. (Ensaio APB, 35)
- FERREIRA, Sueli Mara S. P., KROEFF, Márcia S. Referências bibliográficas de documentos eletrônicos: vol. 2. Nov. 1996. (Ensaio APB, 36)
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Roubo, depredação de materiais e campanhas educativas em bibliotecas: proposta de um modelo de avaliação. Dez. 1996. (Ensaio APB, 37)
- SOUZA, Francisco das Chagas de. O bibliotecário brasileiro e seu humanismo. Jan. 1997. (Ensaio APB, 38)
- LIMA, Justino Alves. Mobilização para uma política de conservação e manutenção de acervos contra o agente biológico humano. Fev. 1997. (Ensaio APB, 39)

Mobilização para uma Política de Conservação e Manutenção de Acervos contra o Agente Biológico Humano (*)

Justino Alves Lima **

1 INTRODUÇÃO

Ao se exprimir a palavra política, o sentido que se dá a mesma é de direção, de administração e de ciência da organização. No mundo das profissões, cada segmento vai adaptando o conceito para os seus interesses. Assim, na biblioteconomia quando se fala em política de conservação e manutenção de acervo, deve-se entender como o estabelecimento de princípios que orientem, conduzam ou influenciem o modo pelo qual uma biblioteca deverá pautar seus métodos para conservar e manter o seu acervo.

A conservação e manutenção de acervos é uma das mais constantes preocupações dos bibliotecários nas bibliotecas universitárias. Entretanto, em torno do assunto existe um pequeno número de publicações técnicas que apenas teorizam sobre como devem ser conservados e mantidos os acervos bibliográficos. Acervos esses quase sempre formados durante anos e com muita dificuldade devido aos recursos financeiros sempre escassos.

Os teóricos da biblioteconomia, ou não, sempre tratam do assunto da forma mais convencional existente: as intempéries climáticas, os acidentes biológicos ou a despreocupação higiênica de ordem funcional. Modernamente, no entanto, uma modalidade de agente maléfico contra a conservação e manutenção dos acervos vem tomando forma e assumindo contornos de difícil combate: o homem.

* Publicado originalmente no IX SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 1996, Curitiba. *Anais*. Curitiba, 1996. (Disquete)

** Bibliotecário da Universidade Federal de Sergipe

Em que pese ser considerado um dos agentes biológicos, o homem não tem sido objeto de políticas de conservação e manutenção de acervos. Travestido de usuário ele tem freqüentado as bibliotecas universitárias e depredado o material bibliográfico. De difícil combate, vez que age na surdina, tem infernizado a vida dos bibliotecários e do pessoal de apoio técnico que se dedicam à tarefa da preservação dos acervos. Difícil também é o seu combate quando identificado, pois, devido a legislação penal andar doente no país, e a anomalia estender-se por toda a sociedade, normalmente o depredador consegue safar-se de punições. Para isso argüi-se a questão democrática universitária, sem entender-se que o discurso da autoridade difere do discurso do autoritarismo.

O que fazer frente a essa crescente investida criminoso contra os acervos bibliográficos das bibliotecas universitárias? Cansados de ver revistas cortadas, livros recheados de folhas xerox para substituir as páginas arrancadas, e ainda ter de dar baixa nos registros de livros por motivo de roubo, os bibliotecários da BICEN/UFS - Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe decidiram sistematizar um trabalho contra o absurdo perpetrado contra o patrimônio público cultural.

Mobilizaram, então, a comunidade universitária para uma política de conservação e manutenção de acervos, que priorizasse uma política de serviços e novas tecnologias. Serviços, no momento em que se decidiu por uma campanha educacional pela conservação do acervo, e nova tecnologia ao decidir-se pela instalação de um sistema de segurança que trabalhasse com células fotoelétricas para manutenção do acervo.

2 O FURTO DE LIVROS : a sociedade intelectual em cheque.

O Jornal da Cidade, um diário sergipano, ocupou parte de uma das suas páginas sobre um assunto um tanto excêntrico: furto de livros na Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe. Excêntrico porque se trata de usuários de bibliotecas que depredam o patrimônio público.

Expõe-se na revelação acima um agravante, não se trata de bibliotecas públicas, o segmento que atende o lado pobre (financeira e intelectualmente) da sociedade, mas sim de bibliotecas universitárias, freqüentadas, em tese, pela sociedade letrada, culta. Então, o

que dizer quando o furto chega à camada mais culta da sociedade? A sociedade está doente. É com esse sentimento que na imprensa repercute a notícia de roubo de livros em bibliotecas universitárias.

O problema existe, no entanto fica circunscrito aos muros acadêmicos. No momento em que a informação burlou a vigilância das cercanias intelectuais e a imprensa apropriou-se da informação, fez barulho. Foi assim em Sergipe quando o fato foi noticiado pela imprensa escrita, logo após uma reunião entre a direção da BICEN - Biblioteca Central, a direção do DCE - Diretório Central dos Estudantes e os diretores dos C.As. - Centros Acadêmicos da Universidade Federal de Sergipe. Na reunião, em que se pretendia estabelecer parceria entre a biblioteca e os estudantes numa campanha em favor da Biblioteca, revelou-se a questão. Daí levada à imprensa por um indignado estudante.

A matéria do Jornal da Cidade, intitulada "Usuários danificam e roubam livros na Biblioteca Central", chamou a atenção dos pauteiros da imprensa falada e televisada. O fato virou manchete e foi veiculado em um noticiário radiofônico e em um telejornal locais.

A notícia que aparentemente era banal e localizada chegou a ser publicada na Folha de São Paulo, através da Agência Folha em Aracaju, dando a informação da instalação de um sistema de segurança com células fotoelétricas, como a solução emergente para reduzir o número de furtos de livros. Uma ação considerada a opção viável para combater a atuação de usuários inescrupulosos dos serviços da biblioteca.

A notícia repercutiu no Rio Grande do Sul, fazendo com que a Rádio Guaíba, através do programa "Mendes Ribeiro", entrasse na questão. Colocou no ar, em linha direta, o diretor da Biblioteca Central em entrevista que durou sete minutos. O entrevistador justificou a distância da entrevista dizendo que o assunto não era sergipano, era brasileiro. Especulou-se sobre o que levaria membros da elite do sistema de educação do país, da sociedade letrada, a cometerem tal crime. Para o então diretor da BICEN/UFS, o problema existe e carece de uma profunda análise. No seu entender, algo que não chega a ser novidade, existe o usuário que furta pela abjeta necessidade de negócio, o que furta pela 'altruísta necessidade' de colecionar e o que furta pela 'imperiosa necessidade' de não poder comprar e querer possuir os livros didáticos

exigidos pelos programas das disciplinas. Ora, todos crimes do mesmo porte e todos imperdoáveis.

O fato de repercussão na grande imprensa parece ser banal nos círculos acadêmicos e fica restrito a ensaios divulgados nos noticiosos internos das Universidades. Embora escasso, existe material sobre o assunto. O *Jornal do Campus (USP)* traz um artigo com um título nada altruísta "Bibliotecas tomam medidas contra roubos". Ali, conta-se a triste realidade que aguarda usuários das bibliotecas da maior universidade do país. Uma *via-crucis*, segundo o artigo, com paradas quase sempre previstas: 1) procura nas estantes; 2) busca nos carrinhos; 3) pesquisa nas mesas; 4) consulta ao funcionário; para finalmente chegar a triste conclusão: 5) o livro sumiu.

A escassa literatura sobre a depredação de acervos mostra que os números dos crimes perpetrados contra os acervos são alarmantes:

- Na FAU - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (USP), foram furtados 98 volumes em 1990, 66 em 1991 e 34 em 1992;

- Na ECA - Escola de Comunicações e Artes (USP), 1.200 volumes furtados em 47.000 publicações inventariadas em 1991;

- Na PUC/MG - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, foram dados baixa em 1402 livros no ano de 1992, ano em que começou a ser feito o levantamento sobre o estado de conservação dos livros das áreas de ciências biológicas, engenharia, agricultura, matemática, física e química;

- Na BICEN/UFS, foram contabilizados como extraviados, e não repostos, 89 livros entre os anos 80 e 85 e 221 livros entre os anos 90 e 95. Esses dados dizem respeito a livros que só foram identificados devido a insistentes reclamações de usuários que solicitavam o empréstimo dos referidos livros.

Embora ainda não exista um inventário que permita dizer quantos livros foram furtados desde a existência da Biblioteca Central (16 anos), reside uma certeza: os preferidos são os livros didáticos. Assim como na USP, também na UFS os livros preferidos são os de leitura obrigatória (livros-textos, os didáticos), livros indicados pelos professores para suporte dos programas das disciplinas. Tal avaliação coincide com o depoimento de uma professora da UFS:

Todo semestre letivo, recorro à Biblioteca Central da UFS para pesquisar sobre a história de Portugal. O livro fundamental para estes estudos é quase uma obra rara. É de 1949, edição portuguesa da Livraria Tavares Martins, cidade do Porto. Seu título é História de Portugal - das origens até 1940 e seu autor é João Ameal. Na semana passada, fui à BC para a costumeira pesquisa, mas após demorada busca, retornei ao balcão de mãos vazias. Procurei o setor competente para saber onde poderia estar o livro e recebi, então, a informação de que poderia ter desaparecido. (VALENÇA, 1990).

3 DEPREDACÃO DO ACERVO: a instalação do caos bibliográfico.

Se existe uma preocupação constante com a conservação e manutenção do acervo é porque existem causas que motivam essa preocupação. Os acervos em maior ou menor graus são expostos às intempéries climáticas e ao uso constante que terminam por provocar desgastes e danos ao documento. Os danos são ocasionados pela existência de agentes físicos, químicos e biológicos que atacam os documentos.

Portanto, toda a discussão sobre agentes físicos, químicos e biológicos perfaz o campo da técnica seja de bibliotecários ou químicos. Neste sentido, termos como bibliófagos e fungos tornam-se familiares. Combatem-se os ariscos saprófitas, coleópteros, ortópteros, pseudoneurópteros entre outros. No entanto, o mais arisco, o agente biológico homem, passa ao largo do controle e assume a forma de depredador de acervo. Configura-se como o mais nocivo deles, pois os métodos de combate são inócuos. Ou porque não existe uma política de combate a ele - o homem.

A questão da conservação e manutenção de material bibliográfico, na visão dos administradores de bibliotecas, passa quase que exclusivamente pelos problemas relativos aos agentes físicos (umidade, temperatura e luminosidade), aos agentes químicos (acidez, oxidação e alcalinidade). Esses por sua vez provocam e contribuem para o aparecimento e proliferação dos bibliófagos. Além disso, passa também por problemas relativos ao manuseio excessivo que provoca a desestruturação física do material.

No primeiro caso, a solução se não é difícil, torna-se cara. No segundo, já não tão cara, entretanto inevitável. Por conta do manuseio indevido, é necessário o descarte

temporário. Para VERGUEIRO (1992, p.74) “a retirada do material se dá pela necessidade de recuperá-lo fisicamente, para melhor atendimento à demanda”. Se esta é uma preocupação técnica adotada por bibliotecas e bibliotecários que viabilizam a conservação do material, no entanto, nem todo o descarte para recuperação do material é temporário. Existe o descarte imposto pelos depredários que pode afetar toda uma coleção. Isso acontece normalmente com os livros de arte.

O depredário assume o desprezo e o desrespeito pela coisa pública. Uma atitude que vai contra a argumentação de VERGUEIRO (1992, p.75) para quem “Em torno de livros e outros materiais cria-se, assim, uma verdadeira aura de respeito, como se tais materiais fossem mais ou menos sagrados e sua conservação, sob qualquer condição, um dever inalienável.” Se isto justifica o drama pessoal que cerca o bibliotecário na hora de decidir sobre a retirada de algum material do acervo, não atinge a consciência do depredador.

A depredação do acervo não é exclusividade brasileira, mas a forma sim. Em que pese ser condenada, sob qualquer pretexto, nos Estados Unidos e na Europa, o livro furtado é objeto de desejo de colecionadores. Igualmente criminoso, os registros são de descarte do acervo pelo motivo de furto, e não de mutilação do acervo, e ocorrem motivados pela corrida às coleções de obras-raras⁽¹⁾. O GEORJ - Grupo de Estudos em Obras Raras do Rio de Janeiro cita casos exemplares de bem sucedidas investidas contra o patrimônio público. Devido a valorização das obras raras no mercado livreiro europeu e americano e a um controle vulnerável desses livros, os furtos, sempre praticados por pessoas insuspeitas, tornaram-se empreitadas bem sucedidas.

Preocupado com o assunto e tentando minimizar a situação no Brasil, o GEORJ buscou instrumento legislativo para penalizar o usuário-larápio e relata que “Existe um Projeto de Lei do Senador Jamil Hadad que define crimes contra a memória nacional, ou seja, os bens públicos ou tombados, onde estão incluídas as obras gráficas. Esse projeto vem preencher uma falha na nossa legislação, e significa um início de conscientização da importância dos acervos raros do país.”

¹ A esse respeito, Segurança em acervos raros do Grupo de Estudos em Obras Raras do Rio de Janeiro, coordenação de Valeria Gauz, é leitura obrigatória.

Entretanto, uma atenta leitura no citado instrumento legislativo permite dizer que é necessário alterá-lo, ampliando-o, uma vez que o texto do Projeto de Lei do Senado nº 347, de 1989, admite crime contra a memória nacional, no caso das obras gráficas, tão somente quando falsificadas, alteradas ou reproduzidas. A danificação e o furto ficam fora do texto.

4 AÇÕES CONTRA A DEPREDACÃO: mobilização para uma política de conservação e manutenção de acervos contra o agente biológico humano.

Embora conservação e manutenção exerçam um papel de quase sinônimo, há que se levar em conta uma diferença significativa no exercício de uma política de conservação e manutenção de acervos bibliográficos. Conservar é resguardar de dano, é preservar o documento em qualquer que seja o suporte; manter é resguardar de prejuízo. Assim, para entendimento dos métodos de controle dentro da proposta de uma política de conservação e manutenção, adotamos o conceito de que resguardar de dano é evitar a depreciação do material, e resguardar do prejuízo é evitar o desaparecimento do material.

Nesse sentido, conservar e manter acervos bibliográficos de bibliotecas universitárias, exigem controles adequados através de procedimentos diferenciados: 1) conscientizar - através de uma campanha educacional; e 2) complementar - zelo pela segurança do patrimônio público.

4.1 Procedimento Conscientizador: As Exposições - uma campanha educacional.

Embora o aqui cognominado procedimento conscientizador possa ser considerado na literatura específica do assunto como o método indireto de controle do agente biológico homem, não temos conhecimento de campanhas sistemáticas sobre o mesmo. Pergunta-se, como conscientizar coletivamente se não existe discussão sobre tal assunto?

Preocupada com isso, a Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe decidiu mobilizar a comunidade universitária, primeiro para alertá-la sobre o problema e segundo para torná-la parceira contra a depredação do material bibliográfico. Para tal,

programou duas exposições que vêm sendo apresentadas aos novos usuários do órgão. As mesmas foram criadas a partir de uma publicação da Biblioteca da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da FGV - Fundação Getúlio Vargas.

No ano de 1983, a Biblioteca acima citada publicou uma série de seis histórias em quadrinhos cujo tema era a depredação dos acervos. A idéia, que fazia parte de uma campanha anti-furto, era discutir com os usuários da Biblioteca da FGV a questão do furto e da depredação do material bibliográfico da Instituição.

De forma irreverente, apresentaram o problema e o 'problemador' que traziam sérias conseqüências à conservação e à manutenção de acervos. Na primeira história, em 12 quadrinhos, os bibliotecários da FGV traziam à discussão com seus usuários os efeitos danosos provocados nos acervos por um certo usuário batizado de Aristides, um depredário, que de tão violento era chamado de 'o hulk acadêmico'. De forma bem-humorada, eram contadas as peripécias de um pacato cidadão, Aristides, que ao entrar na Biblioteca, transformava-se no inacreditável depredário. Um usuário que, escondido de todos, atacava o material bibliográfico rasgando, riscando, escondendo e roubando.

A partir daí idealizou-se na BICEN a primeira exposição denominada de 'O Depredário - o Hulk Acadêmico', conforme idéia original dos bibliotecários da FGV⁽²⁾. Os quadrinhos foram ampliados para tamanho ½ folha cartolina, pregados em painéis de exposição, dispostos em ordem numérica seqüencial da história. Como complemento, a exposição recebeu dois expositores com tampos e laterais em vidro com livros abertos em que aparecem as conseqüências da depredação. Para explicar o fato, criou-se uma forma de processamento técnico alternativo. Os livros são acompanhados por novas fichas catalográficas nas quais são substituídas as notas bibliográficas.

Assim, um livro que teve páginas arrancadas, e um outro que teve gravuras cortadas, por exemplo, ganharam novas notações de pista passando a constar nas respectivas fichas:

² "Depredário - O Hulk Acadêmico" nasceu a partir de uma idéia do bibliotecário Oswaldo Francisco de Almeida Júnior, que escreveu o texto, tendo sido materializado (criação do personagem e desenho) pelo auxiliar de biblioteca Lourival Romero.

Em um livro de lingüística: - *“Estava interessado em Lingüística? Então por que não se contentou em ler o livro, e deixou as seis páginas (79-84) para um outro colega que também esteja interessado?”*;

Em um livro de artes plásticas: - *“Deste livro o depredário levou cinco gravuras, de um total de 60 que compunham o livro. Desconfio que ele esteja pretendendo abrir uma galeria de arte.”*

A exposição consta ainda de um depredário tamanho natural (estatura humana) feito em folha de madeirite, e uma cesta de lixo com uma seta indicando que aquele será o resultado da ação do depredário. Para registrar o mais nocivo dos atos do depredário, o furto, um lugar em branco, marcando o formato de um livro, dá conta que o livro ali existente foi levado pelo depredário (³).

Fora da série ‘Depredários’, foi publicada uma sétima história, em duas tiras compostas por oito quadrinhos, intitulada de ‘Aviso de Utilidade Pública’, onde alertavam para os riscos de vírus que atacam usuários de bibliotecas (⁴). Alertavam ao tempo em que questionavam se usuários que escondiam, rasgavam, rasuravam e furtavam livros eram pessoas normais. Era uma nova e bem-humorada versão de depredários.

A idéia dos bibliotecários da FGV foi aproveitada para dar continuidade à campanha pela conservação e manutenção do acervo, criando-se a segunda exposição: ‘A Biblioteca Devastada’, assim batizada na BICEN.

Nessa exposição buscou-se uma forma artística para denunciar a ação dos vândalos. A exposição consiste em distribuir-se, dentro de um quadrado marcado no chão simbolizando paredes, painéis de exposição com os quadrinhos ampliados para tamanho ½ folha de cartolina, e em volta desses espalhar-se no chão livros e revistas danificados. Um local em branco no chão, marcando o formato de um livro, denuncia o furto do mesmo.

³ A exposição ‘O Hulk Acadêmico’ revelou-se um sucesso (de crítica e de público) em busca de uma solução para o problema da depredação, sendo solicitada e exposta em três bibliotecas de Aracaju e levada a efeito como tarefa de uma gincana escolar de uma escola particular de ensino médio.

⁴ O ‘Aviso de Utilidade Pública’, foi uma idéia do auxiliar de biblioteca Bob Heavy, com texto discutido com o bibliotecário Oswaldo F. de Almeida Júnior, e desenhos do auxiliar de biblioteca Lourival Romero.

Para chamar a atenção para as exposições, a BICEN faz circular e afixa em locais estratégicos um convite: "A administração das informações, dos suportes dessas informações e do acesso a elas, é um dos trabalhos da nossa biblioteca. A depredação e o vandalismo não permitem, no entanto, que todos tenham, realmente, acesso a muitas das informações procuradas. Para que todos conheçam o problema e o problemador, a biblioteca apresentará as aventuras (prá ele, porque para os outros são desventuras) do: Depredário, o Hulk Acadêmico."

4.2 Procedimento Complementar: A segurança - um método pragmático.

A campanha educacional de conscientização para a conservação do material bibliográfico, levada a efeito pela BICEN, revela-se um controle preventivo adequado, que dá resultados ao longo do tempo. No entanto, se o método da prevenção pode resolver o problema em parte, relativa à conservação, fica faltando uma solução para a manutenção do acervo. Seria necessário pensar-se em algo mais concreto. Nesse sentido, observações e análises de situações levaram a considerar a necessidade de um controle adequado à situação e ao ambiente. Assim, se a campanha de conscientização pode surtir efeito quanto à conservação do material, a instalação de um sistema de segurança significa a possibilidade, ao tempo em que se revela como o método adequado para a manutenção do acervo.

Esse método consiste na instalação de um sistema de segurança especialmente desenvolvido para bibliotecas. É construído dentro de um conceito de proteção eletrônica tendo como objetivo a eliminação das perdas de material bibliográfico. Utiliza microprocessadores de última geração, com base em tecnologia magnética. O sistema consiste de finas fitas metálicas aplicadas aos diversos tipos de documentos da biblioteca. O sistema, equipamento projetado a base de computador sofisticado, pesquisa eletronicamente, na saída dos usuários, as fitas colocadas nos materiais da biblioteca.

A instalação do sistema de segurança para bibliotecas tenta solucionar dois problemas: o primeiro, é a eliminação das perdas monetárias, existentes devido ao custo de reposição em virtude dos furtos; o segundo, é eliminar a insatisfação dos usuários ao

constatarem que estão privados da informação requerida, devido ao furto e danificação do material.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que está posto neste trabalho, e vem acontecendo no setor da educação de nível superior, teoricamente área que existe para eliminar a ignorância e fomentar a cultura, é reflexo do próprio caos social instalado no país. Esse estudo se não faz uma radiografia completa da estrutura do sistema de informações da Universidade Federal de Sergipe, revela uma de suas facetas que é a do desperdício do dinheiro público, através da ação inescrupulosa de usuários da Biblioteca Central.

Por que o assunto furto de livros visualizou-se tão polêmico? Porque revela a exata dimensão da nossa pobreza acadêmica. Para alguns, financeira e para outros, moral. No primeiro caso, não se justifica o ato criminoso; no segundo, já não resta dignidade social. De concreto, os acervos bibliográficos estão sendo duramente atingidos (rabisca-se, rasga-se e rouba-se).

O enfrentamento dos 'depredários' é uma questão de política de conservação e manutenção de acervos e deve ser discutido pela comunidade acadêmica com a sociedade. É necessário tornar público o assunto. Não dá mais para conviver entre o analfabetismo de uma parcela considerável da sociedade brasileira e o mau-caratismo de uma parcela da sociedade letrada.

A injustiça e a perversidade da ação depredatória podem ser conferidas através de estatísticas relativas à área educacional: enquanto os 20% mais pobres ficam com 16% dos recursos gastos na área, os 20% mais ricos ficam com 24% dos gastos. Não dá para desperdiçar recursos, até em respeito aos analfabetos e semi-escolarizados que não tendo a prática da leitura, a estes não é possibilitado o acesso aos livros.

A identificação dos depredadores e a implantação de procedimentos que justifiquem a conservação e manutenção do acervo junto ao agente biológico humano serão

importantes para a manutenção do acervo em níveis estatísticos que, se não cresça por falta de recursos financeiros, não diminua pela ação depredadora humana, e para a conservação do material permanecendo em ordem do ponto de vista da estrutura física.

O patrimônio cultural do Estado, aí entendido as formas administrativas municipal, estadual e federal, será preservado e mantido a partir do momento em que houver conscientização do público usuário a respeito da importância de se respeitar a sua cultura manifesta em suporte físicos; no caso específico em material bibliográfico. O que se deseja é preservar a memória nacional e os recursos do país.

Se o combate aos agentes biológicos caminham por procedimentos que vão desde os antigos banhos de querosene até as contemporâneas câmaras de fumigação, nesses não se inclui o homem. Para este agente, o combate deve ser alternativo. Deve ser enfrentado considerando-se uma política de conservação e manutenção de acervos que inclua métodos de controles adequados à necessidade da conservação do material bibliográfico e manutenção dos acervos, que se revelem antes de tudo como uma possibilidade de atuação de bibliotecas e bibliotecários contra a ação dos depredadores do patrimônio público.

Se a política de serviços, aqui visualizada nas exposições, pode ser considerado um fato novo criado pela BICEN, o mesmo não se pode dizer da apresentada 'novas tecnologias'. Entretanto, o sistema evidenciado pode ser considerado uma nova tecnologia a ser implantada nas bibliotecas universitárias brasileiras uma vez que ainda é desconhecida de grande parte de bibliotecas e bibliotecários.

Com essa mobilização para uma política de conservação e manutenção de acervos contra o agente biológico humano quer se evitar da inutilidade ou inexistência centenas de exemplares de publicações. Presume-se assim que os procedimentos adotados oportunizam métodos que podem dificultar a depredação, reduzindo o prejuízo financeiro e intelectual. Implantados os procedimentos, e vencida a batalha, a biblioteca pode continuar tornando acessível à humanidade o pensamento humano cristalizado através dos tempos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - Barbárie é eufemismo. *Jornal PUC-MG*, Belo Horizonte, abr. 1993.
- 2 - Biblioteca adotará segurança fotoelétrica. *Folha de São Paulo*, 06.maio.1993.
- 3 - FONSECA, Edson Nery da. *Conservação de Bibliotecas e Arquivos em Regiões Tropicais*. Brasília: ABDF, 1975. 46p.
- 4 - FREITAS, Estanislau. Bibliotecas tomam medidas contra roubos. *Jornal do Campus*, São Paulo, 6.maio.1993.
- 5 - GAUZ, Valeria (Coord.) *Segurança em acervos raros*. Rio de Janeiro: Grupo de Estudos em Obras Raras do Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994. 47p.
- 6 - LIMA, Justino Alves. Usuários do Apocalipse. *Pipiri*, Aracaju, ago. 1993.
- 7 - PATRÍCIO, Patricia. O porão dos condenados. *Jornal do Campus*. São Paulo, 06. maio. 1993.
- 8 - USUÁRIOS danificam e roubam livros na Biblioteca Central. *Jornal da Cidade*, Aracaju, maio 1993.
- 9 - VALENÇA, Ana. Cuidado! Canibais à vista! *Jornal da Manhã*, Aracaju, 4 jul. 1990.
- 10 - VERGUEIRO, Waldomiro. *Desenvolvimento de coleções*. São Paulo: Polis; Associação Paulista de Bibliotecários, 1989. 95p.